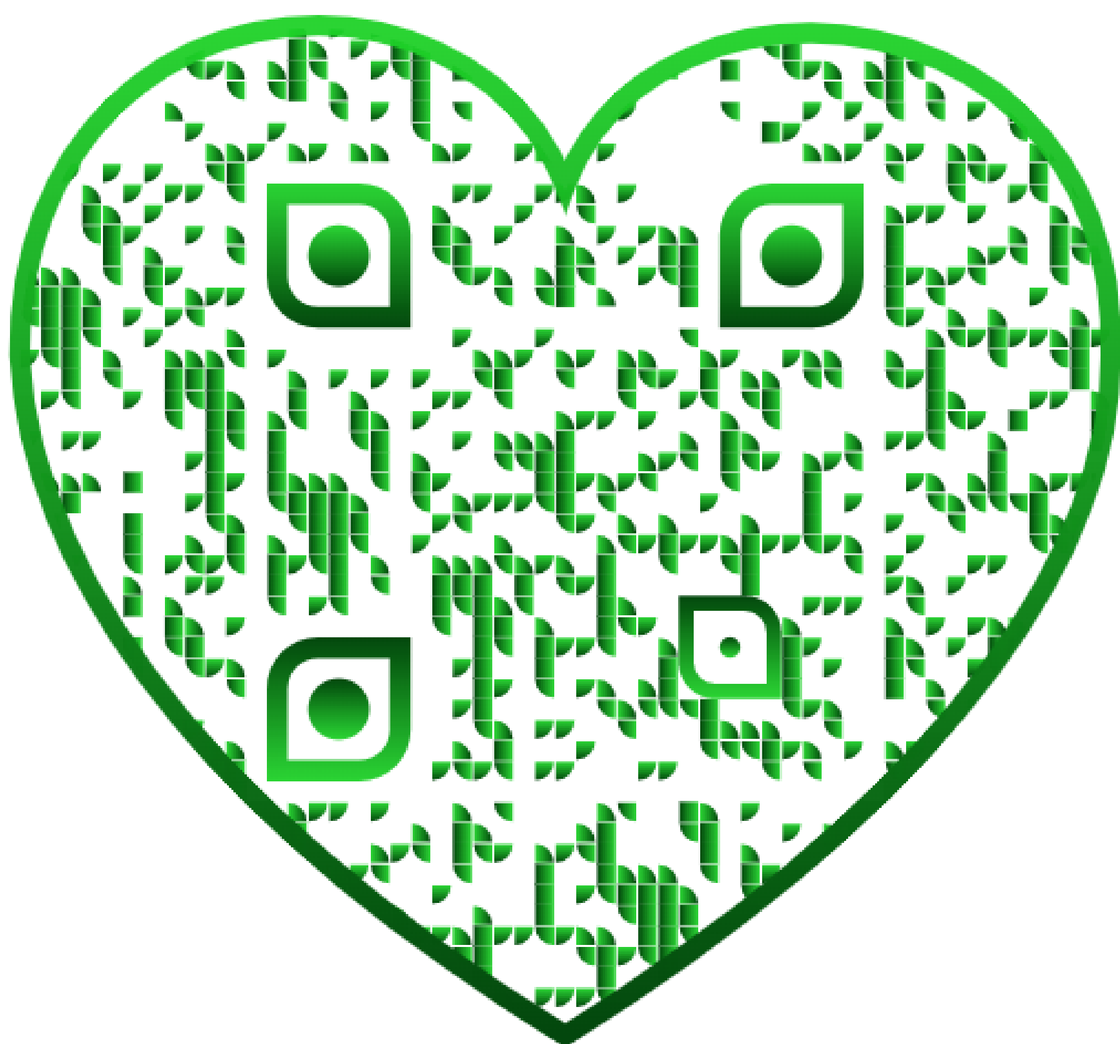
RICK RIORDAN

O FILHO DE SOBEK

COM CARTER KANE E PERCY JACKSON





Rick Riordan

O FILHO DE SOBEK

UMA AVENTURA DE CARTER KANE E PERCY JACKSON
TRADUÇÃO DE FLORA PINHEIRO



Copyright © 2012 by Rick Riordan

Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Son of Sobek

REVISÃO
Thaís Nacif

ARTE DE CAPA
Antonio Javier Caparo

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

ARTE DOS HIERÓGLIFOS
Michelle Gengaro-Kokmen. Reproduzido com perimissão da Disney Hyperion Books. Todos os direitos reservados.

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-350-3

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br








intrínseca


Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais

O filho de Sobek

Sobre o autor
Conheça outros livros do autor
Títulos relacionados

Ser devorado por um crocodilo gigante já foi bem ruim.

O garoto com a espada reluzente fez meu dia ficar ainda pior.

* * *

Talvez eu deva me apresentar.

Meu nome é Carter Kane. Sou aluno do primeiro ano na metade do tempo, mago no restante, e preocupado em período integral com todos os deuses egípcios e monstros que estão sempre tentando me matar.

Tudo bem, a última parte foi um pouco de exagero. Nem *todos* os deuses querem me matar, só muitos deles – mas isso já era de se esperar, uma vez que sou um mago da Casa da Vida. Somos uma espécie de polícia das forças sobrenaturais do Egito Antigo, e nossa função é garantir que não instaurem o caos completo no mundo moderno.

Enfim, nesse dia em especial eu estava seguindo o rastro de um monstro em Long Island. Nossos cristalomantes vinham detectando certa perturbação mágica na região havia semanas, então começou a aparecer nos noticiários locais que uma enorme criatura tinha sido vista nas lagoas e pântanos próximos à rodovia Montauk, alimentando-se de animais selvagens e assustando os moradores. Um repórter até a chamou de “Monstro do Pântano de Long Island”. Quando soa o alarme dos mortais, é hora de ver o que está acontecendo.

Normalmente, Sadie, minha irmã, ou algum dos outros iniciados da Casa do Brooklyn, teria me acompanhado. Mas estavam todos no Primeiro Nomo, no Egito, em um treinamento de uma semana para aprender a controlar demônios do queijo (sim, isso existe, mas acredite em mim: é melhor não conhecê-los), então fui sozinho.

Amarrei o barco-trenó voador em Freak, meu grifo de estimação, e passamos a manhã sobrevoando South Shore em busca de sinais de problema. Se você estiver se perguntando por que não fui nas

costas de Freak, imagine asas tipo as de um beija-flor batendo mais rápido e mais forte do que pás de helicóptero. A não ser que queira virar picadinho, é melhor ir de barco.

Freak tinha um faro bom para magia. Depois de algumas horas de patrulha, ele gritou “FREEEEK” e deu uma guinada para a esquerda, descrevendo círculos sobre o estreito verde e pantanoso entre dois terrenos.

– Lá embaixo? – perguntei.

Freak tremeu e guinchou, batendo a cauda de penas pontiagudas nervosamente.

Não dava para ver muito bem o que havia lá embaixo – apenas um rio de águas barrentas que refletia o sol daquele dia quente de verão, serpenteando pela grama e por entre árvores retorcidas do pântano até desaguar na baía Moriches. A região parecia um pouco com o delta do Nilo, lá no Egito, só que as áreas pantanosas eram cercadas dos dois lados por bairros residenciais com fileiras e mais fileiras de casas e seus telhados cinzentos. Ao norte, uma fila de carros enfrentava o trânsito da rodovia Mountauk – pessoas saindo de férias para escapar da multidão na cidade e se juntar à multidão nos Hamptons.

Eu me perguntei quanto tempo um monstro do pântano carnívoro levaria, se houvesse mesmo um abaixo de nós, até pegar gosto por humanos. Se isso acontecesse... Bem, para ele seria como estar em um daqueles restaurantes “coma à vontade”.

– O.k. – falei para Freak. – Pode me deixar perto da margem do rio.

* * *

Assim que desembarquei, Freak guinchou e disparou para o céu, com o barco-trenó.

– Ei! – gritei, tentando impedi-lo, mas era tarde demais.

Freak se assusta fácil. Monstros carnívoros tendem a apavorá-lo, assim como fogos de artifício, palhaços e o cheiro do suco Ribena esquisito de Sadie. (Não dá para culpá-lo pelo suco. Sadie foi criada em Londres e desenvolveu um gosto meio estranho.)

Eu teria que resolver o problema com o monstro, e então assobiar para Freak vir me buscar.

Abri a mochila e verifiquei o equipamento: corda encantada, minha varinha encurvada de marfim, um pedaço de cera para fazer uma estatueta mágica *shabti*, meu conjunto de caligrafia e uma poção de cura que minha amiga Jaz preparara para mim um tempo antes. (Ela sabe que me machuco bastante.)

Só faltava uma coisa.

Eu me concentrei para criar uma abertura no Duat e estendi a mão. Nos últimos meses, aperfeiçoei o armazenamento de provisões de emergência lá – armas extras, roupas limpas, doces e engradados de refrigerantes gelados –, mas enfiar a mão em uma dimensão mágica ainda era um pouco esquisito, como se estivesse atravessando camadas de cortinas frias e pesadas. Segurei o punho da minha espada e puxei. Era um *khopesh* pesado, com uma lâmina curva como um ponto de interrogação. Armado com a espada e a varinha, estava pronto para dar um passeio pelo pântano e encontrar o tal monstro faminto. Ah, que alegria!

Entrei na água e de imediato afundei até os joelhos. O fundo do rio parecia um purê congelado. A cada passo, meus sapatos faziam um barulho tão nojento – bloct-bloct, bloct-bloct – que fiquei até feliz por Sadie não estar ali comigo. Ela teria rido sem parar.

E, ainda pior: fazendo tanto barulho, sabia que não conseguiria surpreender nenhum monstro.

Uma nuvem de mosquitos me envolveu. De repente, eu me senti nervoso e sozinho.

Podia ser pior, disse a mim mesmo. *Você poderia estar estudando demônios do queijo*.

Mas não me convenci por completo. Próximo dali, ouvi crianças rindo e gritando, provavelmente no meio de alguma brincadeira. Perguntei-me como devia ser isso: ser um garoto normal, passar as tardes de verão com meus amigos.

Era um pensamento tão agradável que até me distraí. Não notei as ondulações na água até que a uns cinquenta metros de mim algo surgiu na superfície, uma fileira de placas de couro verde-escuro. Ele submergiu na mesma hora, mas agora eu sabia com o que

estava lidando. Já tinha visto crocodilos antes, e esse era bizarramente grande.

Lembrei-me de El Paso, no penúltimo inverno, quando eu e minha irmã fomos atacados pelo deus crocodilo gigante, Sobek. Definitivamente, não era uma boa lembrança.

O suor começou a escorrer por meu pescoço.

– Sobek – murmurei –, se for você me perturbando de novo, juro por Rá que...

O deus crocodilo tinha prometido nos deixar em paz agora que estávamos bastante íntimos do chefe dele, o deus sol. Ainda assim... crocodilos têm fome. E então tendem a esquecer suas promessas.

A água não me deu mais pistas. As ondulações tinham passado.

Quando se tratava de detectar monstros, meus sentidos mágicos não eram muito aguçados, mas a água à minha frente pareceu bem mais escura. Isso significava que era mais funda ali, ou então que algo enorme se esgueirava abaixo da superfície.

Quase desejei que *fosse* Sobek. Ao menos assim eu teria uma chance de conversar antes que ele me matasse. Sobek adorava se gabar.

Infelizmente, não era ele.

No microssegundo seguinte, quando a água ao redor de mim se agitou, percebi que deveria ter trazido todo o Vigésimo Primeiro Nomo para me ajudar. Vi olhos amarelo-brilhantes do tamanho de minha cabeça e uma joia de ouro luminoso envolvendo um pescoço enorme. Uma mandíbula monstruosa se abriu – fileiras de dentes tortos e o interior rosado de uma boca grande o suficiente para devorar um caminhão de lixo.

E a criatura me engoliu inteiro.

* * *

Imagine ser embalado a vácuo e ficar de cabeça para baixo dentro de uma sacola de lixo gigante e pegajosa, sem ar. Estar na barriga do monstro foi assim, só que mais quente e fedorento.

Por um momento, fiquei atordoado demais para reagir. Era inacreditável que ainda estivesse vivo. Se a boca do crocodilo fosse um pouco menor, teria me partido ao meio. Como não era o caso, tinha me engolido de uma vez só, uma porção individual de Carter. Agora eu podia aguardar ansiosamente para ser digerido bem devagar.

Que sorte a minha, não?

O monstro começou a se mover violentamente, e ficou bem difícil raciocinar. Prendi a respiração, sabendo que poderia ser a última. Ainda tinha a espada e a varinha, mas não podia usá-las com os braços presos ao lado do corpo. Também não dava para alcançar as coisas na mochila.

Só restava uma opção: comandos. Se me lembrasse do símbolo hieroglífico certo e o pronunciasse, poderia invocar alguma força poderosa, uma magia tipo “ira dos deuses” que me permitisse abrir caminho para fora daquele réptil.

Em teoria: ótima ideia.

Na prática: não sou bom com comandos, mesmo nas melhores situações. Estar sufocando na barriga escura e fedorenta do crocodilo não estava ajudando minha concentração.

Você consegue, disse a mim mesmo.

Depois de todas as aventuras perigosas que vivi, não podia morrer daquele jeito. Sadie ficaria arrasada. Então, quando superasse a tristeza, ela iria atrás da minha alma na pós-vida egípcia e ficaria rindo da minha cara por eu ter sido tão burro.

Meus pulmões começaram a arder. Estava prestes a desmaiar. Escolhi um comando, reuni toda a concentração que tinha e me preparei para pronunciá-lo.

O monstro deu um solavanco repentino para cima. Ele bramiu, o que soava bem estranho para quem estava dentro dele, e seu corpo se contraiu a meu redor, fazendo-me sentir como se estivesse sendo espremido para fora de um tubo de pasta de dentes. Fui atirado da boca da criatura e saí rolando pela grama do pântano.

De algum jeito, fiquei de pé. Cambaleei um pouco, ainda meio cego, arfando e coberto de suco intestinal de crocodilo, que tinha cheiro de aquário sujo.

A superfície do rio se agitou com bolhas. O crocodilo havia desaparecido, mas parado no pântano, a uns seis metros de mim, estava um adolescente de jeans e camiseta laranja desbotada que dizia ACAMPAMENTO alguma coisa. Não dava para entender o resto. Ele parecia um pouco mais velho do que eu – talvez tivesse uns dezessete anos – e tinha cabelos pretos despenteados e olhos verdes. O que mais chamava a atenção era a espada dele – uma reluzente espada de bronze com lâmina de fio duplo.

Não sei qual de nós ficou mais surpreso.

Por um segundo, o Cara do Acampamento apenas olhou para mim. Ele notou o *khopesh* e a varinha, e tive a sensação de que ele realmente os *via* como eram. Os mortais comuns têm dificuldade para ver a magia. O cérebro não consegue interpretá-la, então, por exemplo, eles olhariam para a minha espada e veriam um taco de beisebol ou uma bengala.

Mas aquele garoto... ele era diferente. Imaginei que devia ser um mago. O único problema era que eu conhecia vários magos dos nomos nos Estados Unidos, e nunca tinha visto esse cara. Também nunca vira uma espada daquelas. Tudo nele parecia... *não egípcio*.

– O crocodilo – falei, tentando manter a voz calma e firme. – Para onde foi?

O Cara do Acampamento franziu a testa.

– De nada.

– O quê?

– Eu bati na traseira daquele crocodilo. – Ele repetiu o movimento com a espada para explicar. – Foi por isso que cuspiu você. Então, de nada. O que você estava fazendo na barriga dele?

Admito que eu não estava no melhor dos humores. Eu fedia. Meu corpo doía. E, sim, estava um pouco envergonhado: o poderoso Carter Kane, líder da Casa do Brooklyn, tinha sido vomitado por um crocodilo como uma bola de pelos imensa.

– Estava descansando – retruquei, ríspido. – O que você *acha* que eu estava fazendo? Agora, quem é você e por que estava lutando contra meu monstro?

– *Seu* monstro? – Ele veio andando na minha direção através da água, e a lama não parecia atrapalhá-lo. – Olhe só, cara, não sei quem é você, mas aquele crocodilo vem aterrorizando Long Island

há semanas. Eu levo isso para o lado pessoal, porque aqui é a minha área. Ele comeu um dos nossos pégasos há alguns dias.

O choque foi tão grande que parecia que eu tinha batido com as costas em uma cerca elétrica.

– Você disse *pégasos*?

Ele fez um gesto para ignorarmos a pergunta.

– Esse monstro é seu ou não?

– Não sou dono dele – resmunguei. – Estava tentando impedi-lo! Agora, para onde...

– O crocodilo foi por ali. – Ele apontou a direção com a espada. – Eu já estaria atrás dele, mas você me pegou de surpresa.

O garoto pareceu avaliar meu tamanho, o que me deixou um pouco inquieto, já que ele era uns quinze centímetros mais alto. Ainda não dava para entender o que estava escrito em sua camiseta, apenas a palavra ACAMPAMENTO. Ele usava um colar de couro com algumas contas de argila coloridas, que lembrava o trabalho de artes de uma criança. Não carregava uma mochila de mago ou varinha. Talvez ele as guardasse no Duat. Ou talvez fosse apenas um mortal delirante que encontrara uma espada mágica por acidente e agora achava que era um super-herói. As relíquias antigas podem confundir muito a mente.

Enfim, ele balançou a cabeça.

– Eu desisto. Filho de Ares? Sei que você é um meio-sangue, mas o que aconteceu com sua espada? Está toda torta.

– É um *khopesh*. – Meu choque estava rapidamente se transformando em raiva. – A lâmina *é* curva.

Mas não estava pensando na espada.

O Cara do Acampamento tinha me chamado de *meio-sangue*? Talvez eu não tivesse ouvido direito. Talvez quisesse dizer outra coisa. Só que meu pai era afrodescendente. Minha mãe era branca. *Meio-sangue* não era uma palavra da qual eu gostava.

– Só... Dê o fora, tá? – falei entredentes. – Preciso acabar com aquele crocodilo.

– Cara, *eu* preciso acabar com o crocodilo – insistiu ele. – Na sua última tentativa, ele devorou você. Lembra?

Meus dedos apertaram o punho da espada com mais força.

– Estava tudo sob controle. Eu estava prestes a invocar o Punho...

Assumo completamente a responsabilidade pelo que aconteceu a seguir.

Foi sem querer. Juro. Mas eu estava com raiva. E, como já devo ter mencionado, não sou naturalmente bom em canalizar comandos. Na barriga do crocodilo, estava me preparando para invocar o Punho de Hórus, uma enorme mão azul e brilhante capaz de pulverizar portas, paredes e praticamente tudo o que estiver no caminho. Meu plano era abrir passagem socando o monstro. Um pouco nojento, é verdade, mas provavelmente eficaz.

Acho que ainda estava com o feitiço na cabeça, pronto para ser disparado como uma arma carregada. Parado à frente do Cara do Acampamento, eu estava furioso, além de surpreso e confuso. Então, quando tentei pronunciar a palavra *punho*, ela acabou saindo em egípcio antigo: *khifa*.

Um hieróglifo tão simples:



Quem poderia imaginar que causaria tantos problemas?

Assim que pronunciei a palavra, o símbolo reluziu no ar entre nós. Um punho gigante, do tamanho de um lava-louças, materializou-se e atingiu o Cara do Acampamento com força suficiente para jogá-lo para fora da cidade.

Eu o fiz perder até os sapatos. Ele foi lançado para fora do rio como um foguete, com um som de *bloct*. A última coisa que vi foram seus pés descalços em velocidade de escape enquanto ele voava para trás até sumir de vista.

Não, eu não me senti bem com isso. Bem... talvez um pouquinho. Mas também fiquei morto de vergonha. Mesmo que ele fosse um idiota, magos não devem sair por aí acertando as pessoas de surpresa com o Punho de Hórus e tirando-as de órbita.

– Ah, que ótimo.

Dei um tapa na minha própria testa e comecei a andar pelo pântano, preocupado com a possibilidade de tê-lo realmente

matado.

– Foi mal, cara! – gritei, esperando que ele pudesse ouvir. – Você está...?

A onda veio do nada.

Uma onda de mais de seis metros me engolfou, e fui puxado de volta para o rio. Subi à superfície e comecei a tossir, com um gosto na boca horrível de peixe. Pisquei para tirar a sujeira dos olhos bem a tempo de ver o Cara do Acampamento saltar na minha direção como um ninja, empunhando a espada.

Ergui meu *khopesh* a fim de aparar o golpe. Por pouco evitei que minha cabeça fosse partida em duas, mas o Cara do Acampamento era rápido e forte. Enquanto eu cambaleava para trás, ele atacava de novo e de novo. A cada investida eu me defendia, mesmo sabendo que ele estava levando a melhor. A lâmina dele era mais leve e veloz, e – sim, admito – ele era mais habilidoso na esgrima.

Queria explicar que havia cometido um erro. Não era realmente inimigo dele. Mas a prioridade, naquele momento, era não ser cortado ao meio.

O Cara do Acampamento, no entanto, não tinha dificuldades para falar.

– Agora entendi – disse ele, tentando atingir minha cabeça. – Você é algum tipo de monstro.

CLANG! Interceptei o golpe e cambaleei para trás.

– Não sou um monstro – consegui dizer.

Para vencer aquele cara, teria que usar mais do que a espada. O problema é que não queria machucá-lo. Embora ele estivesse tentando me transformar em um sanduíche de Kane fatiado, ainda me sentia culpado por ter começado a briga.

Ele desferiu outro golpe, e não tive escolha. Dessa vez, usei a varinha, aparando a espada na curva do marfim e canalizando uma explosão de magia por seu braço. O ar entre nós piscou e crepitou. O Cara do Acampamento tropeçou. Faíscas azuis de magia voaram a seu redor, como se o feitiço não soubesse bem o que fazer com ele. Quem era aquele cara?

– Você disse que o crocodilo era *seu* – disse o Cara do Acampamento, de cara feia e com os olhos verdes reluzindo de

raiva. – Você perdeu seu bichinho de estimação. Talvez seja um espírito do mundo inferior que atravessou as Portas da Morte.

Antes mesmo que eu conseguisse processar suas palavras, ele fez um movimento com a mão livre. O rio mudou de curso e me derrubou.

Consegui levantar. Já estava ficando bem cansado de engolir água do pântano. Enquanto isso, o Cara do Acampamento veio para cima de mim outra vez, com a espada erguida, preparada para me matar. No desespero, deixei a varinha cair. Enfiei a mão dentro da mochila e meus dedos encontraram a corda.

Joguei-a na direção dele e gritei o comando *tas* – amarrar – no momento em que a lâmina de bronze afundou em meu pulso.

A dor se alastrou por todo o meu braço. Minha visão ficou turva e pontos amarelo-brilhantes surgiram diante de meus olhos. Larguei a espada e apertei o pulso, sem fôlego, pensando única e exclusivamente na dor excruciante.

No fundo, sabia que o Cara do Acampamento podia me matar com facilidade. Por algum motivo, ele não fez isso. Uma onda de náusea fez com que eu me curvasse para a frente.

Eu me forcei a examinar o ferimento. Sangrava muito, mas me lembrei de algo que Jaz tinha dito uma vez na enfermaria da Casa do Brooklyn: os cortes costumam parecer muito piores do que são. Torci para que fosse verdade. Puxei um pedaço de papiro de dentro da mochila e o apertei na ferida como uma atadura improvisada.

A dor ainda era horrível, mas pelo menos o enjoo ficou mais suportável. Minha mente começou a clarear, e me perguntei por que ainda não tinha virado picadinho.

O Cara do Acampamento estava sentado ali perto, com água pela cintura, parecendo infeliz. A corda mágica havia envolvido o braço que segurava a espada e prendido a mão dele à lateral da cabeça. Sem poder soltar a espada, ele parecia ter um chifre de rena saindo da orelha. Tentava puxar a corda com a mão livre, mas é claro que não estava funcionando.

Por fim, ele apenas suspirou e olhou para mim com raiva.

– Estou realmente começando a odiar você.

– Começando a *me* odiar? – protestei. – Eu estou me esvaindo em sangue aqui! Foi você que começou tudo isso me chamando de

meio-sangue!

– Ah, qual é? – O Cara do Acampamento se levantou com dificuldade, pois a espada-antena deixava sua cabeça pesada. – Você não pode ser mortal. Se fosse, a espada teria atravessado seu corpo. Se não é um espírito ou um monstro, tem que ser um meio-sangue. Provavelmente um semideus traidor do exército de Cronos.

Não entendi a maioria das coisas que aquele cara dissera, mas uma delas chamou minha atenção.

– Então, quando falou *meio-sangue*, você...

Ele me encarou como se eu fosse idiota.

– Eu quis dizer *semideus*. É. O que você *achou* que eu queria dizer?

Tentei processar a informação. Já tinha ouvido o termo *semideus* antes, mas não era um conceito egípcio. Talvez o garoto sentisse a minha ligação com Hórus, que eu era capaz de canalizar o poder do deus... mas por que descreveria tudo de modo tão estranho?

– O que você é? – perguntei. – Metade mago de combate, metade elementalista da água? Está com que nomo?

O garoto deu uma risada amarga.

– Cara, não sei do que você está falando. Não ando com gnomos. Sátiros, às vezes. Até ciclopes. Mas nunca gnomos.

A perda de sangue devia ter me deixado tonto. Suas palavras começaram a quicar na minha cabeça como aquelas bolas de loteria: ciclopes, sátiros, semideuses, Cronos. Antes ele havia mencionado Ares. Aquele era um deus grego, não egípcio.

Foi como se o Duat tivesse se aberto abaixo de mim, ameaçando me puxar para suas profundezas. *Grego... não egípcio*.

Um pensamento começou a se formar em minha cabeça. Não gostei nada. Na verdade, fiquei apavorado.

Apesar de toda a água do pântano que engoli, senti a garganta seca.

– Olha – comecei a dizer –, sinto muito por ter atingido você com aquele feitiço do punho. Foi um acidente. Mas o que não entendo... é que você deveria ter morrido. E não morreu. Isso não faz sentido.

– Não fique tão desapontado – resmungou ele. – Mas, já que estamos falando desse assunto, você também deveria estar morto.

Não existe muita gente que conseguiria lutar tão bem contra mim. E a minha espada deveria ter pulverizado seu crocodilo.

– Pela última vez, não é *meu* crocodilo.

– O.k., tanto faz. – Ele não parecia convencido. – A questão é que meu golpe pegou direitinho naquele crocodilo, mas apenas o atiçou. O bronze celestial deveria tê-lo transformado em pó.

– Bronze celestial?

Nossa conversa foi interrompida por um grito em algum lugar próximo – o grito de uma criança apavorada.

Meu coração quase parou. Eu era mesmo um idiota. Tinha esquecido por que estávamos ali.

Encarei o Cara do Acampamento.

– Temos que deter o crocodilo.

– Trégua? – sugeriu ele.

– Certo – concordei. – Podemos continuar nos matando depois de cuidar do animal.

– Combinado. Agora, será que você pode desamarrar minha mão da cabeça? Estou me sentindo como um maldito unicórnio.

* * *

Não digo que confiávamos um no outro, mas pelo menos passamos a ter um objetivo comum. Não tenho a menor ideia de como, mas ele invocou seus sapatos do rio e os calçou. Então me ajudou a envolver o ferimento com uma tira de linho e me esperou beber da poção de cura.

Depois disso, senti-me bem o suficiente para correr atrás dele na direção dos gritos.

Pensei que estava em boa forma de tanto treinar magia de combate, carregar artefatos pesados e jogar basquete com Khufu e seus amigos babuínos (babuínos levam basquete muito a sério). Mesmo assim, foi difícil acompanhar o Cara do Acampamento.

O que me lembrava... Estava começando a ficar cansado de chamá-lo assim.

– Qual é seu nome? – perguntei, arfando enquanto corria atrás dele.

Ele olhou para mim de modo desconfiado.

– Não sei se devo dizer. Nomes podem ser perigosos.

Ele tinha razão, é claro. Nomes têm poder. Havia um tempo, minha irmã Sadie aprendera meu *ren*, meu nome secreto, e isso ainda me deixava bastante nervoso. Um mago experiente é capaz de causar todo tipo de problemas sabendo apenas o nome comum de uma pessoa.

– Justo – respondi. – Eu falo primeiro. Meu nome é Carter.

Acho que ele acreditou em mim. As rugas próximas aos olhos se suavizaram um pouco.

– Percy.

Aquele nome parecia meio incomum para mim. Soava britânico, eu acho, embora Percy falasse e agisse bem como um americano.

Saltamos um tronco apodrecido e finalmente saímos do pântano. Tínhamos começado a subir por uma colina até as casas mais próximas quando percebi que havia mais de uma pessoa gritando. Não era um bom sinal.

– Só para avisar – adverti Percy. – Você não vai conseguir matar o monstro.

– Espere para ver – resmungou ele.

– Não, eu quis dizer que ele é *imortal*.

– Já ouvi essa antes. E já transformei vários *imortais* em pó e os mandei de volta para o Tártaro.

Tártaro?, pensei.

Conversar com Percy estava me dando uma séria dor de cabeça. Lembrou a vez em que meu pai me levara à Escócia para uma de suas palestras de egiptologia. Eu tentara falar com alguns locais e sabia que eles estavam conversando na minha língua, mas parecia que alternavam cada frase compreensível com outra em um idioma estranho – com palavras e pronúncias diferentes –, e eu ficava me perguntando o que, diabos, queriam dizer. Era assim com Percy. Nós *quase* falávamos a mesma língua – magia, monstros, etc. Mas seu vocabulário estava todo errado.

– Não – tentei de novo, já na metade da colina. – Esse monstro é um *petsuchos*, um filho de Sobek.

– Quem é Sobek?

– O deus crocodilo. Um deus egípcio.

Isso o fez parar na hora. Olhou para mim, e senti o ar entre nós ficar carregado de eletricidade. Uma voz bem no fundo de minha mente disse: *Cale a boca. Não conte mais nada.*

Percy olhou para o *khopesh* que eu havia recuperado do rio, então para a varinha presa em meu cinto.

– De onde você vem? Sério.

– Onde nasci? – perguntei. – Los Angeles. Agora moro no Brooklyn.

Aquilo não pareceu fazê-lo se sentir melhor.

– Então, o monstro, esse tal *pet-suco*...

– *Petsuchos* – corrigi. – É uma palavra grega, mas o monstro é egípcio. Era tipo o mascote do Templo de Sobek, venerado como um deus.

Percy grunhiu.

– Você fala como Annabeth.

– Quem?

– Nada. Só me poupe da aula de história. Como fazemos para matá-lo?

– Já disse, ele...

Outro grito veio de cima da colina, seguido por um CRUNCH alto, como o som produzido por um compactador de metal.

Subimos correndo até o topo, depois pulamos a cerca de um quintal qualquer e chegamos a uma rua residencial sem saída.

Exceto pelo crocodilo gigante no meio da via, era uma vizinhança como qualquer outra nos Estados Unidos: uma rua sem saída com casas típicas de subúrbio e seus gramados bem-aparados, carros nas garagens, caixas de correio próximas ao meio-fio e bandeiras penduradas acima das varandas.

Infelizmente, essa imagem do estilo de vida americano foi arruinada pelo monstro, que estava ocupado devorando um carro híbrido verde com um adesivo na traseira que dizia MEU POODLE É MAIS INTELIGENTE QUE O SEU ALUNO NOTA 10. Talvez o *petsuchos* tivesse pensado que o carro era outro crocodilo e estivesse tentando afirmar sua dominância. Ou talvez apenas não gostasse de poodles ou de alunos que gabaritavam.

Independentemente de seu descontentamento, o crocodilo parecia ainda mais assustador em terra do que na água. Tinha doze

metros de comprimento, a altura de um caminhão de entregas e uma cauda tão grande e poderosa que virava carros sempre que ele a sacudia. Sua pele brilhava em um tom verde-escuro e vertia uma água que se acumulava em volta das patas. Eu me lembrei da vez em que Sobek dissera que seu suor divino dera origem aos rios do mundo. Eca. Parecia que aquele monstro tinha a mesma transpiração divina. Eca ao quadrado.

Os olhos da criatura brilhavam com uma luz amarela assustadora. Os dentes brancos e afiados pareciam reluzir. O mais estranho nele, porém, eram as joias. Pendurado em seu pescoço havia um elaborado colar com várias correntes de ouro e pedras preciosas suficientes para comprar uma ilha.

Foi ao ver o colar lá no pântano que percebi que o monstro era um *petsuchos*. Eu tinha lido que o animal sagrado de Sobek usava algo parecido no Egito, mas não tinha a menor ideia do que o monstro estava fazendo em um bairro de Long Island.

Enquanto Percy e eu absorvíamos a cena, o crocodilo resolveu tomar uma atitude. Abocanhou o carro verde e o partiu ao meio, atirando pedaços de vidro, metal e *air bag* pelos gramados.

Assim que ele largou os destroços, meia dúzia de crianças surgiu do nada – aparentemente, elas estavam escondidas atrás de alguns dos outros carros – e atacou o monstro, gritando a plenos pulmões.

Inacreditável. Eram apenas crianças (deveriam cursar o ensino fundamental), armadas com nada além de balões e arminhas de água. Acho que estavam de férias e deviam estar se refrescando com uma guerra de água, quando o monstro as interrompeu.

Nenhum adulto a vista. Talvez todos estivessem trabalhando. Talvez todos estivessem dentro de casa, desmaiados por causa do choque.

As crianças pareciam estar mais com raiva do que com medo. Correram ao redor do crocodilo, atirando balões de água que caíam sobre sua couraça sem provocar danos.

Era estúpido e inútil? Era. Mas não pude deixar de admirar a coragem delas. Estavam dando o seu melhor para enfrentar o monstro que invadira sua vizinhança.

Talvez vissem o crocodilo como ele era, ou quem sabe seus cérebros mortais as fizessem pensar que se tratava de um elefante fugido do zoológico, ou um motorista do FedEx enlouquecido.

Fosse lá o que vissem, estavam em perigo.

Senti a garganta fechar. Pensei em meus iniciados na Casa do Brooklyn, que não eram mais velhos do que aquelas crianças, e meus instintos de “irmão mais velho” afloraram. Saí correndo para a rua.

– Saiam de perto dele! Fujam! – gritei. Então joguei minha varinha bem na cabeça do crocodilo. – *Sa-mir*!

A varinha atingiu o focinho e uma luz azul se espalhou pelo corpo do monstro. O hieróglifo para dor brilhou por toda a sua couraça.



Todos os pontos em que o símbolo aparecia soltavam fumaça e faíscas, fazendo o monstro se debater e bramir irritado.

As crianças se dispersaram e se esconderam atrás de carros e caixas de correio destruídos. O *petsuchos* voltou seus olhos amarelos e brilhantes para mim.

A meu lado, Percy assobiou baixinho.

– Bem, você conseguiu chamar a atenção dele.

– É.

– Tem certeza de que a gente não consegue matá-lo?

– Tenho.

O crocodilo parecia estar prestando atenção à conversa. Os olhos amarelos iam de um para o outro, como se ele estivesse tentando decidir qual de nós devoraria primeiro.

– Mesmo se você *pudesse* destruir o corpo dele – expliquei –, o crocodilo apenas reapareceria aqui perto. Está vendo aquele colar? É encantado com o poder de Sobek. Para derrotar o monstro, a gente precisa tirar o colar dele. E então o *petsuchos* deve encolher até ficar do tamanho de um crocodilo normal.

– Odeio a palavra *deve* – sussurrou Percy. – Está bem. Vou pegar o colar. Mantenha-o distraído.

– Por que *eu* tenho que distrair o monstro?

– Porque você é mais irritante – respondeu Percy. – Tente não ser devorado de novo.

– GRRRAU – bramiu o crocodilo, que tinha bafo de lixeira de restaurante de frutos do mar.

Eu estava prestes a dizer a Percy que ele também era *bem* irritante, mas não tive chance. O *petsuchos* fez sua investida, e o meu novo companheiro de batalha saiu da frente, deixando-me bem no caminho da destruição.

* * *

Primeiro pensamento aleatório: ser devorado duas vezes no mesmo dia seria bem embaraçoso.

Pelo canto do olho, vi Percy disparar para a direita do monstro. As crianças mortais saíram de seus esconderijos e começaram a gritar e jogar mais balões de água no crocodilo, como se estivessem tentando me proteger.

O *petsuchos* partiu para cima de mim com a mandíbula aberta, prestes a me abocanhar.

E eu fiquei com raiva.

Já havia enfrentado os piores deuses egípcios. Mergulhara no Duat e cruzara a Terra dos Demônios. Estivera na praia do Caos. Eu não ia vacilar diante de um crocodilo superdesenvolvido.

O ar ficou carregado de energia quando meu avatar de combate começou a surgir ao meu redor, como um exoesqueleto azul-brilhante na forma de Hórus.

Fui erguido do chão até ficar suspenso no meio de um guerreiro com cabeça de falcão de seis metros de altura. Dei um passo à frente, preparando-me, e o avatar imitou meu movimento.

– Por Hera! – gritou Percy. – Mas o quê...?

O crocodilo se lançou contra mim.

Ele quase me desequilibrou. Sua mandíbula se fechou em torno do braço livre de meu avatar, mas usei a espada azul-brilhante do falcão guerreiro para golpear seu pescoço.

Talvez o *petsuchos* não pudesse ser morto. Mas eu esperava ao menos poder cortar o colar, que era sua fonte de poder.

Infelizmente, abri demais o golpe e atingi o monstro no ombro, perfurando sua couraça. Em vez de sangue, começou a escorrer areia, o que é bem comum com os monstros egípcios. Adoraria tê-lo visto se desintegrar por completo, mas não tive essa sorte. Assim que puxei a lâmina, a ferida começou a se fechar e apenas alguns poucos grãos de areia continuaram a sair. O crocodilo mexeu a cabeça de um lado para o outro, jogando-me no chão, e começou a me sacudir pelo braço como um cachorro faria com seu brinquedo.

Quando me soltou, fui arremessado e atravessei o telhado da casa mais próxima, deixando uma cratera em forma de falcão guerreiro na sala de estar de alguém. Torci para que não tivesse esmagado algum mortal indefeso no meio de seu programa de tevê favorito.

Minha visão clareou e vi duas coisas que me irritaram. Primeiro, o crocodilo estava prestes a atacar de novo. Segundo, meu novo amigo Percy estava parado no meio da rua, boquiaberto, olhando para mim. Ao que parecia, ver meu avatar tinha sido um choque tão grande que ele esquecera sua parte no plano.

– Deuses, o que é isso? – indagou ele. – Você está dentro de um homem gigante e que brilha com cabeça de galinha!

– Falcão! – gritei.

Decidi que, se sobrevivesse, jamais permitiria que aquele cara conhecesse Sadie. Eles provavelmente passariam o restante da eternidade se revezando para me insultar.

– Que tal uma ajudinha aqui?

Meu companheiro de combate voltou à realidade e correu em direção ao crocodilo. Quando o monstro veio para cima de mim, chutei seu focinho, o que o fez espirrar e balançar a cabeça por tempo suficiente para eu me soltar dos escombros.

Percy saltou sobre a cauda do crocodilo e correu por suas costas. O monstro começou a se debater com força, e sua couraça

jorrava água para todos os lados. De algum modo, Percy manteve o equilíbrio. Ele devia praticar ginástica olímpica ou algo assim.

Enquanto isso, as crianças mortais encontraram munição melhor – pedras, pedaços de metal dos carros destruídos, até mesmo algumas chaves de roda – e voltaram a atingir o monstro, mas eu não queria que ele desviasse a atenção para elas.

– Ei!

Ataquei a cabeça dele com o *khopesh*. O golpe deveria ter lhe arrancado mandíbula, mas de alguma maneira ele conseguiu abocanhar a lâmina e prendê-la. Acabamos lutando pela espada azul brilhante enquanto ela chiava, transformando os dentes do réptil em areia. Aquilo devia doer, mas o crocodilo não largava e continuava a puxar.

– Percy! – gritei. – Quando você quiser!

Ele avançou no colar. Segurou-o e tentou partir os elos dourados, mas sua espada de bronze sequer os arranhou.

Enquanto isso, o crocodilo estava enlouquecido, tentando tirar a espada de minha mão. A aura do avatar de combate começou a vacilar.

Invocar um avatar é uma ação de curto prazo, como arrancar em uma corrida em velocidade máxima. Não dá para prosseguir por muito tempo, ou você vai sofrer um colapso. E eu já estava suando e sem fôlego. Meu coração batia acelerado. Minha reserva de magia estava quase esgotada.

– Anda logo!

– Não consigo cortar!

– O fecho – sugeri. – Deve ter um.

Assim que disse isso, eu o encontrei. Estava na garganta do monstro, uma cartela dourada envolvendo os hieróglifos que formavam o nome SOBEK.

– Ali! Na parte de baixo!

Percy desceu pelo colar como se fosse uma rede, mas no mesmo momento o avatar entrou em colapso. Caí no chão, exausto e tonto. O que salvou minha vida foi o crocodilo estar puxando a espada do avatar. Quando ela desapareceu, o monstro caiu para trás e bateu em um carro.

As crianças mortais se dispersaram. Uma delas se escondeu debaixo do carro, que logo desapareceu quando a cauda do crocodilo o arremessou para longe.

Percy chegou à parte de baixo do colar e se segurou com todas as forças. A espada tinha sumido. Ele provavelmente a deixara cair.

O crocodilo se pôs de pé outra vez. A boa notícia: ele não pareceu reparar em Percy. A má notícia: ele *com certeza* reparou em mim, e parecia completamente furioso.

Eu não tinha energia sequer para correr, muito menos para invocar magia para lutar. As crianças armadas com balões de água e pedras tinham mais chance de derrotar o crocodilo do que eu naquele estado.

Sirenes soavam a distância. Alguém chamara a polícia, o que não me deixou exatamente feliz. Isso só queria dizer que outros mortais estavam vindo o mais rápido possível para se oferecer como lanche de crocodilo.

Recuei até o meio-fio e tentei – ridiculamente – dominar o monstro com o olhar.

– Bom garoto... Parado aí...

O crocodilo rosnou. Sua couraça jorrava água, como se fosse a fonte mais grotesca do mundo, e meus sapatos começaram a chapinhar quando eu andava. Os olhos amarelos ficaram iluminados, talvez de felicidade. Ele sabia que eu estava acabado.

Deslizei a mão para dentro da mochila. Só achei um pedaço de cera. Não havia tempo para fazer um *shabti* decente, mas não tinha uma ideia melhor. Larguei a mochila e comecei a esfregar a cera furiosamente com as mãos, tentando amolecê-la.

– Percy – chamei.

– Não consigo abrir o fecho! – gritou ele. Não tirei os olhos do crocodilo, mas pelo canto da visão percebi que Percy esmurrava a base do colar. – Será que é algum tipo de magia?

Aquela foi a coisa mais inteligente que ele disse a tarde toda (não que ele tivesse dito muitas). O fecho era uma cartela de hieróglifos, e seria preciso um mago para desvendá-la e abrir o colar. Seja lá o que Percy fosse, ele não era um mago.

Eu ainda estava modelando a cera, tentando transformá-la em uma estatueta, quando o crocodilo decidiu parar de saborear o

momento e me devorar logo de uma vez. Quando ele avançou em minha direção, joguei o *shabti* feito pela metade e gritei o comando.

O hipopótamo mais deformado do mundo surgiu em pleno ar. Ele bateu direto na narina esquerda do crocodilo e se alojou ali, sacudindo as robustas pernas traseiras.

Não era a minha estratégia mais brilhante, mas ter um hipopótamo enfiado em sua narina deve ter sido distração suficiente. O crocodilo bramiu e cambaleou, sacudindo a cabeça. Percy caiu e rolou para longe, quase sendo pisoteado pelo monstro, e correu para se juntar a mim no meio-fio.

Olhei horrorizado enquanto a criatura de cera, agora um hipopótamo vivo (ainda que bastante deformado), tentava se libertar da narina do crocodilo ou se alojar ainda mais fundo na cavidade nasal do réptil – eu não sabia qual das duas opções.

O crocodilo deu uma guinada súbita, e Percy me puxou e impediu que eu fosse pisoteado.

Corremos em direção às crianças mortais. Incrivelmente, nenhuma delas estava ferida. O crocodilo continuou a se debater e destruir casas enquanto tentava desobstruir a narina.

– Tudo bem? – perguntou Percy.

Eu ainda estava sem fôlego, mas assenti fracamente com a cabeça.

Uma das crianças me ofereceu a arminha de água. Acenei com a mão, dispensando-a.

– Gente – disse Percy para elas. – Estão ouvindo as sirenes? Vocês precisam correr até o início da rua e impedir a passagem da polícia. Digam a eles que é muito perigoso vir aqui. Detenham os policiais!

Por algum motivo, as crianças obedeceram. Talvez ficassem felizes em ter algo para fazer. Pela maneira como Percy falou, senti que estava acostumado a levantar o moral de tropas em desvantagem numérica. Ele soava um pouco como Hórus – um líder nato.

– Boa ideia – elogiei depois que as crianças saíram correndo.

Ele assentiu com a cara fechada. O crocodilo ainda estava distraído com o intruso nasal, mas eu não achava que o *shabti* fosse

durar muito. Sob tanta pressão, o hipopótamo logo iria derreter e voltar à forma de cera.

–Você tem algumas cartas na manga, Carter – admitiu Percy. – Tem mais algum truque?

– Não – respondi desanimado. – Estou ficando sem nada. Mas, se alcançar aquele fecho, acho que sou capaz de abri-lo.

Percy mediu o *petsuchos* com o olhar. A rua estava ficando alagada com a água que vazava da couraça do crocodilo. As sirenes estavam mais altas. Não tínhamos muito tempo.

– Pelo visto, é a minha vez de distrair o crocodilo – disse ele. – Prepare-se para correr até o colar.

– Você está sem a sua espada – protestei. – Você vai morrer!

Percy deu um sorriso torto.

– Corra até ele assim que começar.

– Assim que começar *o quê*?

O crocodilo espirrou, lançando o hipopótamo de cera pelos ares. O *petsuchos* se voltou para nós, bramindo de raiva, e Percy partiu para cima dele.

* * *

No fim das contas, eu nem precisava ter perguntado que distração Percy tinha em mente. Quando começou, ficou bem óbvio.

Ele parou à frente do crocodilo e ergueu os braços. Imaginei que tivesse algum tipo de magia em mente, mas ele não pronunciou nenhum comando. Não tinha cajado nem varinha. Apenas ficou parado olhando para o crocodilo, como se dissesse: *Ei, olhe para mim! Sou delicioso!*

O crocodilo pareceu surpreso por um momento. Se nada desse certo, ao menos morreríamos sabendo que confundimos o monstro várias e várias vezes.

Ele continuava a suar. O líquido nojento já inundava a calçada e estava na altura dos nossos tornozelos. Parte escorria pelos ralos da rua, porém havia mais saindo da pele do réptil.

Então entendi o que estava acontecendo. Quando Percy ergueu os braços, a água começou a girar em sentido anti-horário.

Começou perto das patas do crocodilo e rapidamente aumentou, até que o redemoinho se espalhou por todo o final da rua, girando com força suficiente para começar a me puxar.

Quando percebi que era hora de correr, a correnteza já estava forte demais. Eu precisava encontrar outra maneira de alcançar o colar.

Um último truque, pensei.

Temi que o esforço fosse literalmente me consumir. Reuni minhas últimas energias mágicas e me transformei em um falcão, o animal sagrado de Hórus.

Instantaneamente, minha visão se tornou cem vezes mais aguçada. Disparei para o alto, acima dos telhados, e o mundo inteiro pareceu entrar em alta definição. Vi os carros de polícia a apenas algumas quadras, e as crianças paradas no meio da rua acenando para eles. Eu enxergava cada poro e placa pegajosa da couraça do crocodilo, cada hieróglifo no fecho do colar. E vi como o truque de mágica de Percy era impressionante.

O fim da rua fora completamente tomado pelo furacão. Percy estava parado no meio dele, imóvel, e a água agora girava tão rápido que até mesmo o crocodilo gigantesco perdera o equilíbrio. Carros destruídos foram arrastados da calçada; caixas de correio, arrancadas dos gramados e levadas pela água, que aumentava tanto em volume quanto em velocidade, elevando seu nível e transformando toda a vizinhança em uma centrífuga líquida.

Foi a minha vez de ficar pasmo. Alguns momentos antes, eu havia concluído que Percy não era mago. Entretanto, nunca tinha visto um mago capaz de controlar tanta água.

O crocodilo cambaleou e tentou resistir, movendo-se em círculo com a correnteza.

– Quando você quiser – murmurou Percy entredentes.

Sem minha audição de falcão, jamais o teria ouvido em meio à tempestade, mas percebi que estava falando comigo.

Lembrei que tinha um trabalho a fazer. Ninguém, mago ou não, poderia controlar tamanho poder por muito tempo.

Bati as asas e mergulhei em direção ao crocodilo. Quando cheguei ao fecho do colar, voltei à forma humana e o agarrei. Ao meu redor, o furacão rugia. Eu mal conseguia enxergar através do

turbilhão e da neblina. A correnteza agora estava tão forte que puxava minhas pernas, ameaçando me arrastar para a enchente.

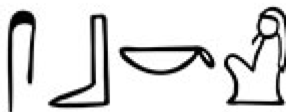
Eu estava *tão* cansado. Não me sentia assim, tão pressionado além dos limites, desde que lutara contra o Lorde do Caos, o próprio Apófis.

Deslizei a mão pelos hieróglifos do fecho. Tinha que haver um segredo para abri-lo.

O crocodilo voltou a bramir e se debater com violência, lutando para continuar de pé. Em algum lugar à minha esquerda, Percy gritou de raiva e frustração, tentando sustentar a tempestade; mas o redemoinho começava a perder força.

Eu tinha no máximo alguns segundos até o crocodilo se libertar e atacar. Então Percy e eu morreríamos.

Senti os quatro símbolos que formavam o nome do deus:



O último símbolo não representava um som, na verdade. Era o hieróglifo para deus, indicando que as três letras anteriores – SBK – formavam o nome de um deus.

Em caso de dúvida, pensei, aperte o botão “deus”.

Empurrei o quarto símbolo, mas nada aconteceu.

A tempestade estava se acalmando. O crocodilo começou a avançar contra a corrente, encarando Percy. Pelo canto do olho, em meio à toda a neblina, eu o vi se apoiar no joelho.

Passei os dedos pelo terceiro hieróglifo, a cesta de vime (Sadie sempre a chamava de “xícara de chá”), que representava o som de *K*. O hieróglifo pareceu levemente quente ao toque – ou era só imaginação?

Não havia tempo para pensar. Eu o empurrei. Nada aconteceu.

A tempestade cessou. O crocodilo bramiu, triunfante, pronto para sua refeição.

Fechei o punho e esmurrei o hieróglifo da cesta com toda a força. Dessa vez, o fecho produziu um *clique* satisfatório e se abriu.

Caí no chão, e centenas de quilos de ouro e pedras preciosas se derramaram sobre mim.

O crocodilo vacilou, urrando como a artilharia de um navio de guerra. O que restava do furacão se desfez em uma explosão de vento, e eu fechei os olhos, pronto para ser esmagado pelo corpo do monstro.

De repente, a rua ficou em silêncio. Sem sirenes. Sem gritos de crocodilo. A montanha de joias de ouro desapareceu. Eu estava caído de costas na água suja, encarando o céu azul e vazio.

O rosto de Percy apareceu acima de mim. Ele parecia ter acabado de correr uma maratona no meio de um furacão, mas estava sorrindo.

– Bom trabalho – disse ele. – Pegue o colar.

– O colar?

Meu cérebro ainda estava lento. Aonde tinha ido todo aquele ouro? Sentei-me e tateei a calçada. Meus dedos se fecharam em torno de um colar agora de tamanho normal. Bem... do tamanho *normal* considerando algo que caberia no pescoço de um crocodilo comum.

– O-o monstro? – gaguejei. – Para onde...?

Percy apontou. A poucos metros, parecendo muito contrariado, estava um filhote de crocodilo com menos de um metro de comprimento.

– Você está brincando.

– Talvez seja o bichinho abandonado de alguém. – Percy deu de ombros. – A gente vê isso no noticiário de vez em quando.

Eu não conseguia pensar em uma explicação melhor, mas como um filhote de crocodilo tinha se apoderado de um colar que o transformara em uma máquina mortífera gigante?

Pessoas começaram a gritar no começo da rua.

– Por aqui! São aqueles dois garotos!

Eram as crianças mortais. Ao que parecia, elas haviam concluído que o perigo tinha passado. Agora estavam trazendo os policiais diretamente até nós.

– Precisamos ir. – Percy pegou o bebê crocodilo, envolveu seu pequeno focinho com uma das mãos, e olhou para mim. – Você vem?

Juntos, corremos de volta para o pântano.

* * *

Meia hora mais tarde, estávamos sentados em uma lanchonete na rodovia Montauk. Dividi o restante da poção de cura com Percy, que por algum motivo insistia em chamá-la de *néctar*. A maioria de nossos ferimentos tinha cicatrizado.

Amarramos o crocodilo do lado de fora, na floresta, com uma coleira improvisada, até decidirmos o que fazer com ele. Limpamos a sujeira o melhor que pudemos, e ainda parecíamos ter tomado banho em um lava a jato com defeito. O cabelo de Percy estava jogado de lado e cheio de grama presa nele. A camiseta laranja estava rasgada na frente.

Tenho certeza de que minha aparência não era muito melhor. Havia água em meus sapatos, e eu ainda estava tirando penas de falcão das mangas da camisa (transformações às pressas podem fazer a maior bagunça).

Estávamos exaustos demais para conversar enquanto assistíamos ao noticiário na tevê em cima do balcão. Policiais e bombeiros foram atender a uma emergência estranha relacionada à rede de esgoto local. Aparentemente, a pressão nos canos de drenagem havia ficado muito alta, provocando uma grande explosão que causara uma enchente e erodira o solo com tanta gravidade que várias casas no final da rua foram destruídas. Fora um milagre nenhum dos moradores ter se ferido. As crianças da área contaram histórias inacreditáveis sobre o Monstro do Pântano de Long Island, afirmando que ele havia causado os danos durante uma luta contra dois adolescentes, mas é claro que as autoridades não acreditaram. Entretanto, o repórter reconheceu que parecia que algo bem grande havia caído nas casas destruídas.

– Um acidente estranho com a rede de esgoto – disse Percy. – Essa é nova.

– Só se for para você – resmunguei. – Parece que provoco esses acidentes aonde vou.

– Anime-se. O almoço é por minha conta.

Ele revirou os bolsos do jeans e de lá tirou uma caneta esferográfica. E mais nada.

– Ih... – O sorriso desapareceu. – Na verdade... Você consegue conjurar dinheiro?

Então, é claro, o almoço foi por *minha conta*. Eu *conseguia* fazer dinheiro aparecer do nada, já que guardava um pouco no Duat junto com outros suprimentos de emergência. Por isso, logo depois, havia cheeseburguers e batatas fritas a nossa frente, e as coisas estavam começando a melhorar.

– Cheeseburguers – disse Percy. – O alimento dos deuses.

– Concordo.

Mas, quando olhei para ele, perguntei-me se estava pensando o mesmo que eu: que estávamos nos referindo a deuses *diferentes*.

Percy cheirou seu sanduíche. Sério, aquele cara podia comer um boi.

– Então... o colar – disse ele, entre mordidas. – Qual é a história?

Hesitei. Ainda não fazia ideia de onde Percy vinha ou o que ele era, e não tinha certeza de que queria perguntar. Agora que havíamos lutado juntos, não podia deixar de confiar nele. Ainda assim, sentia que o assunto era perigoso. Tudo o que disséssemos poderia ter sérias consequências não apenas para nós, e sim também para todos que conhecíamos.

A sensação era parecida com a de dois anos antes, quando meu tio Amós contara a verdade sobre as origens da família Kane – a Casa da Vida, os deuses egípcios, o Duat, tudo. Em apenas um dia, meu mundo ficou dez vezes maior e me deixou tonto.

Agora eu estava diante de um momento como aquele. Se meu mundo expandisse dez vezes mais *de novo*, temia que meu cérebro explodisse.

– O colar é encantado – expliquei, por fim. – Qualquer réptil que o use se torna o próximo *petsuchos*, o Filho de Sobek. De alguma maneira foi parar no pescoço daquele filhote de crocodilo.

– Ou seja, alguém *o colocou* no pescoço dele.

Não queria pensar nessa possibilidade, mas assenti de modo relutante.

– Quem, então?

– É difícil saber – respondi. – Tenho muitos inimigos.

Percy deu uma risada irônica.

– Sei como é. Alguma ideia do *porquê*, então?

Dei outra mordida no cheeseburguer. Estava gostoso, mas agora tinha ficado difícil me concentrar nele.

– Alguém queria causar problemas – especulei. – Acho que talvez... – Estudei Percy, tentando medir o quanto deveria revelar. – Talvez quisessem causar um problema que atraísse a nossa atenção. A atenção de *nós dois*.

Percy franziu a testa. Ele fez um desenho usando ketchup e batata frita. Não um hieróglifo, mas uma letra que não era latina. Chutei que fosse grega.

– O monstro tinha um nome grego – disse ele. – Estava comendo pégasos em... – Ele hesitou.

– Na sua base – completei. – Algum tipo de acampamento, pela sua camiseta.

Ele se mexeu no banco, desconfortável. Ainda não dava para acreditar que ele falava em pégasos como se fossem reais. Eu me lembrei de uma vez na Casa do Brooklyn, talvez um ano antes, em que tivera certeza de que vira um cavalo alado no céu de Manhattan. Na ocasião, Sadie dissera que eu estava tendo alucinações. Agora não tinha tanta certeza disso.

Finalmente, Percy me encarou.

– Olha, Carter, você não é nem de longe tão irritante quanto pensei. E nós formamos uma boa dupla hoje, mas...

– Você não quer revelar seus segredos. Não se preocupe, não vou perguntar sobre seu acampamento. Ou seus poderes. Nem nada disso.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Não está curioso?

– Estou *extremamente* curioso. Mas, até descobrirmos o que está havendo, acho melhor mantermos certa distância. Se alguém, ou *alguma coisa*, soltou aquele monstro aqui, sabendo que ia chamar a nossa atenção...

– Então talvez essa pessoa quisesse que nos encontrássemos – completou ele. – Desejando que coisas ruins acontecessem.

Assenti. Lembrei-me da sensação incômoda de antes, a voz em minha cabeça me alertando para não dizer nada a Percy. Tinha passado a respeitá-lo, porém ainda sentia que não devíamos ser amigos. Não era para sequer chegarmos *perto* um do outro.

Muito tempo atrás, quando eu era bem mais novo, vi minha mãe fazer um experimento científico diante de seus alunos da faculdade.

Potássio e água, ela dissera. *Separados, são totalmente inofensivos. Mas juntos*...

Ela derrubou o potássio em uma proveta com água, e CABUM! Os estudantes recuaram assustados quando uma miniexplosão chacoalhou todos os frascos no laboratório.

Percy era a água. Eu era o potássio.

– Agora nos conhecemos – disse ele. – Você sabe que fico aqui em Long Island. E eu sei que você mora no Brooklyn. Se fôssemos procurar um ao outro...

– Eu não acho que seria uma boa ideia. Não até sabermos mais. Preciso fazer algumas pesquisas em, bem, no meu lado. Tentar descobrir quem estava por trás desse incidente com o crocodilo.

– Tudo bem. Vou fazer o mesmo do meu lado.

Ele apontou o colar do *petsuchos*, que cintilava em minha mochila.

– O que vamos fazer com isso?

– Posso mandá-lo para um lugar seguro – prometi. – Não vai causar mais problemas. Nós lidamos com relíquias como essa o tempo todo.

– *Nós*. Quer dizer que... vocês são muitos?

Não respondi.

Percy ergueu as mãos.

– Tudo bem. Não está mais aqui quem perguntou. Tenho uns amigos no Acam... quer dizer... do meu lado que adorariam explorar um colar mágico como esse, mas vou confiar em você. Pode ficar.

Não percebi que estava prendendo a respiração até que a soltei.

– Obrigado. Legal.

– E o crocodilo bebê?

Ri nervosamente.

– Você quer ficar com ele?

– Pelos deuses, não.

– Posso ficar com o crocodilo, dar um lar a ele. – Pensei em nossa piscina da Casa do Brooklyn. Imaginei o que nosso crocodilo gigante e mágico, Filipe da Macedônia, acharia de ter um novo amigo. – É, acho que ele vai se adaptar bem.

Percy pareceu não saber o que pensar disso.

– O.k., bem... – Ele estendeu a mão. – Foi bom trabalhar com você, Carter.

Apertamos as mãos. Nenhuma faísca voou. Não houve trovões. Mas ainda não podia deixar de lado a sensação de que tínhamos aberto uma porta ao nos encontrarmos daquela maneira – uma porta que talvez não conseguíssemos fechar.

– Com você também, Percy.

Ele se levantou para ir.

– Só mais uma coisa. Se esse alguém que promoveu nosso encontro... Se for um inimigo de nós dois... E se *precisarmos* um do outro para lutar contra ele? Como entro em contato?

Considerei a ideia e tomei uma decisão impulsiva.

– Posso escrever em sua mão?

– Tipo o quê? Seu telefone?

Ele franziu a testa.

– Não exatamente...

Peguei o cálamo e a tinta mágica. Percy estendeu a mão e eu desenhei um hieróglifo em sua palma – o Olho de Hórus. Assim que completei o símbolo, ele brilhou e desapareceu.

– Basta dizer meu nome e eu o ouvirei. Vou saber onde está e irei ao seu encontro. Só vai funcionar uma vez, então não desperdice.

Percy observou a palma vazia.

– Vou confiar que isso não seja algum tipo de rastreador mágico, certo?

– Sim. E eu estou confiando que, quando você me chamar, não vai me atrair para algum tipo de emboscada.

Ele me encarou. Aqueles olhos verdes tempestuosos eram mesmo um pouco assustadores. Então Percy sorriu, e parecia um adolescente normal e despreocupado.

– Justo. Até a próxima, C...

– Não diga meu nome!

– Brincadeira. – Ele apontou para mim e piscou. – Que os deuses o mantenham estranho, meu amigo.

E então foi embora.

* * *

Uma hora depois, eu estava de volta ao barco-trenó voador com o filhote de crocodilo e o colar mágico enquanto Freak me levava de volta para a Casa do Brooklyn.

Agora, olhando para trás, toda essa história com o Percy parece tão irreal que mal acredito que realmente aconteceu.

Eu me pergunto como Percy conjurou aquele redemoinho, e o que, diabos, é bronze celestial. Acima de tudo, uma palavra não sai da minha cabeça: *semideus*.

Algo me diz que eu poderia obter algumas respostas se procurasse bastante, mas tenho medo do que posso descobrir.

Por enquanto, acho que vou contar sobre isso apenas para Sadie. No começo ela vai achar que estou brincando. E, é claro, vai implicar comigo, mas ela também saberá quando estou falando a verdade. Por mais que minha irmã seja irritante, confio nela (embora nunca vá dizer isso na cara dela).

Talvez ela tenha alguma ideia sobre o que devemos fazer.

Quem quer que tenha nos reunido, orquestrado que nossos caminhos se cruzassem... Isso parece coisa do Caos. Não posso deixar de pensar que foi um experimento para ver que tipo de confusão nosso encontro provocaria. Potássio e água. Matéria e antimatéria.

Felizmente, acabou tudo bem. O colar do *petsuchos* está guardado em segurança, e nosso novo bebê crocodilo está nadando feliz na piscina.

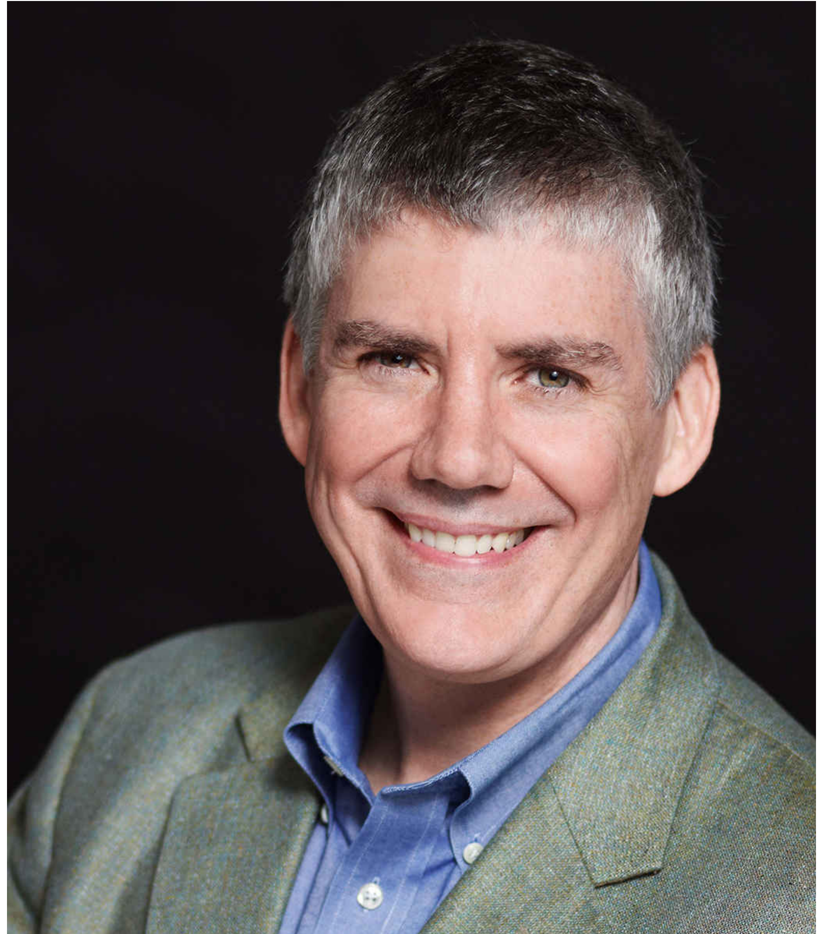
Da próxima vez... Bem, tenho medo de que talvez não tenhamos tanta sorte.

Em algum lugar por aí tem um garoto chamado Percy com um hieróglifo secreto na mão. E algo me diz que, mais cedo ou mais tarde, vou acordar no meio da noite e ouvir uma palavra sussurrada urgentemente em meus pensamentos:

Carter.

Sobre o autor

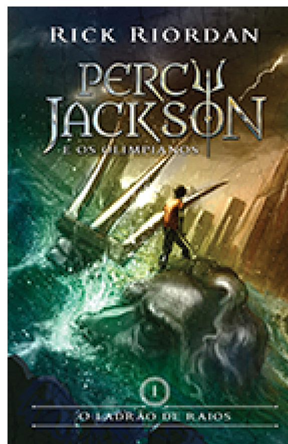
© Michael Frost



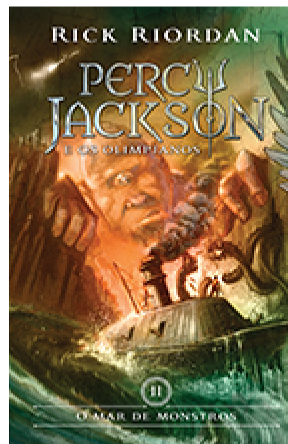
Rick Riordan nasceu em 1964, nos Estados Unidos, em San Antonio, Texas, e hoje vive em Boston com a mulher e os dois filhos. Autor best-seller do *New York Times*, premiado pela YALSA e pela American Library Association, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é a essa experiência que ele atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os olimpianos* e *Os heróis do Olimpo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina a bem-sucedida série *As crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo.

PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS

Conheça os livros da série



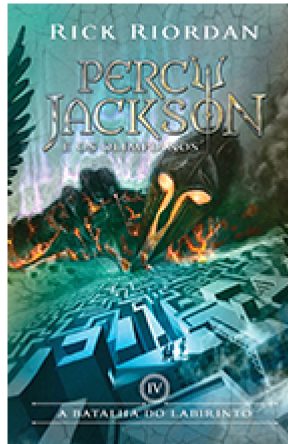
Livro Um



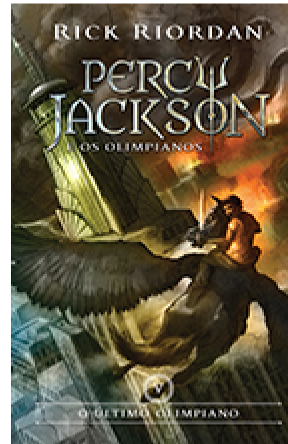
Livro Dois



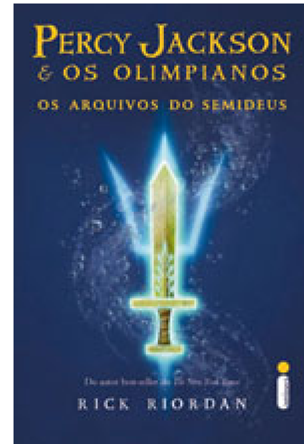
Livro Três



Livro Quatro



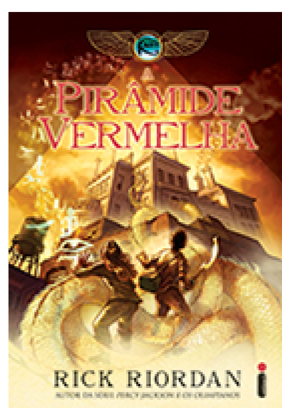
Livro Cinco



Companion book



Conheça os livros da série



Livro Um



Livro Dois



Livro Três



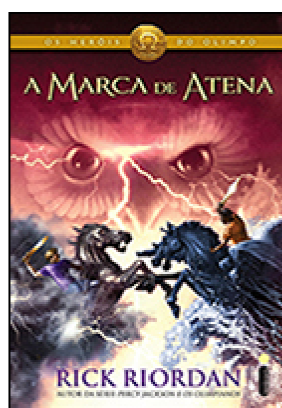
Conheça os livros da série



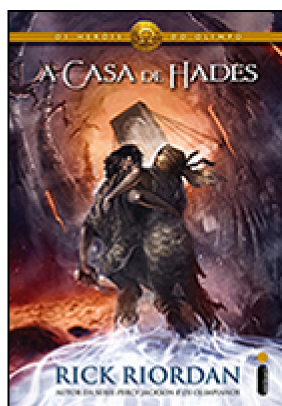
Livro Um



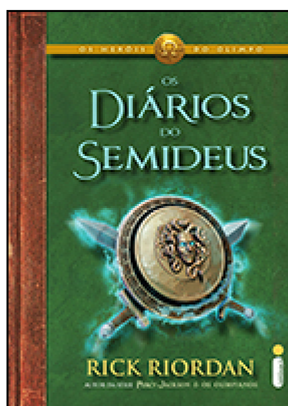
Livro Dois



Livro Três



Livro Quatro



Companion book

Títulos relacionados



Os forasteiros
Michelle Paver



O espelho do tempo
Catherine Fisher



A torre invisível
Nils Johnson-Shelton